REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 702

30 DE JUNHO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Logo á bocca da noite, Avenida acima, vai a multidão. Vão uns para a Feira Franca, param outros á porta do theatro. Grande exito na grande rotunda, onde as barracas ficarão armadas por mais dois mezes. Exito maior, cada vez maior, no *Ali... á preta!*

Um tempo lindo, parece que encommendado, para os theatros n'este mez. Nem um dia, nem uma noite de calor! Pois olhem que o kalendario já marca o verão desde ha dias.

A primavera continua. Dias suavissimos, noites frescas, esplendidas. Umas nuvens apenas no horizonte, negras, sulcadas uma vez ou outra por pallidos relampagos.

Uma verdadeira formosura aquellas alamedas da Avenida. As acacias emmaranham no alto os seus ramos, os ulmeiros crescem, desenvolvendo os braços robustos, as olaias, dando vôo á ultima petala côr de rosa, coparam-se elegantemente. Geometricamente vão lançando seus ramos, como guarda-soes, as araucarias e, dentro de poucos annos, o vento baloiçará as grandes folhas das palmeiras sobre as nossas cabeças.

E' o passeio predilecto dos lisboetas n'estas noites de verão, e com razão escolhido.

O rumor da feira escuta-se de muito longe e bem foi que a prorogassem por mais esses mezes, em que, afóra, uma ou outra toirada, em geral muito má, tão poucas distracções ao povo se offerecem.

As pulgas continuam sendo o grande attractivo. Ellas dançam, ellas pulam, ellas andam de carrinho teem nomes de princezas e duquezas, vestidos de papel de seda. Gloriosas estrellas, que não teem invejas, nem peneiras, nem malquerenças, que não pedem augmento de ordenados nem reclamos nos jornaes, que não intrigam as collegas nem lhes roubam os amantes!

E' curioso um passeio pela feira, onde todos os barulhos se confundem, o sexteto do café, o realejo moendo arias, o discurso d'um titere, os metaes da banda, o piano d'umas camareras, uma discussão de bebados, uma canção arabe, uma cançoneta franceza, o mugido d'uma vacca, a trombeta d'uma criança.

E ali ha de tudo: theatros, bailes, cicloramas, batotas, cafés, quinquilherias, exposições, circos, tascas, bichos, photographos, vaccarias, concertos e a guerra de Cuba em tamanho natural!

E' pedir por bocca, mais facilmente do que pela lista d'um restaurante, em que o criado muitas vezes, como na velha anecdota nos responde : — Ha, mas já se acabou.

Ali ha sempre, desde o começo da tarde até altas horas da noite. Acaba uma funcção, começa outra. Não deixam as cornetas de tocar, os tambores de rufar, os palhaços de apregoar as grandes maravilhas do fim do seculo!

E á porta de theatro da Avenida todas as noites grupos impacientes assaltam o *guichet* do camaroteiro. As enchentes succedem-se, sem mentiroso reclamo, sem que este d'ora ávante se torne necessario para levar Lisboa inteira a ouvir a Angela Pinto, a Carmen, a Dolores Rentino, a Thereza Mattos, cantando deliciosas musicas populares e inspiradas valsas de Cyriaco de Cardoso.

Poucas peças em pleno verão teem alcançado o enorme exito da revista de Guedes de Oliveira.

Muito brevemente deverá realisar-se a decima quinta representação do *Ali... á preta*, em homenagem a seus auctores.

Cyriaco de Cardoso conta numerosos amigos em Lisboa e todos n'essa noite irão dar o seu contingente de palmas ao auctor feliz de tão grande numero de operettas, ao que entre nós é classificado como o mais inspirado compositor da verdadeira musica portugueza.

Guedes d'Oliveira entrou com o pé direito nos theatros de Lisboa. De companhia com Cyriaco tem direito ao nosso applauso. Chega como vencedor e bem merece as palmas justissimas.

Affonso Taveira teve um momento de verdadeira inspiração, quando se lembrou de vir até nós.

Os theatros da Trindade e Rua dos Condes continuam tambem com suas portas abertas.

Palmyra Bastos, cujas aptidões vastissimas são de todos conhecidas, acaba de obter dois triumphos, um na *Périchole*, que desempenhou com o grupo de distinctos curiosos do theatro Taborda, e outro na *Grã-Duqueza*, que pela primeira vez subiu á scena no theatro da Trindade, uma d'estas noites passadas.

Na Rua dos Condes representou-se a *Feira de S. Calixto*, vandeville em tres actos, *arreglo* dos srs. Ernesto do Carmo e Eduardo de Abreu, ins-

GUERRA HISPANO-AMERICANA

A. NELSON MILES, GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO AMERICANO, EM CUBA

pirada musica de Filippe Duarte, a quem endereçamos os nossos parabens como amigo e admirador.

A companhia do theatro de D. Maria regressou de Evora, onde com grande exito deu cinco representações e, segundo consta, despedir-se-ha do publico de Lisboa, representando ainda uma vez entre nós, no theatro D. Amelia, em festa artistica de Carolina Falco.

O Porto, Setubal e Evora tiveram agora occasião de mais uma vez applaudir alguns dos maiores artistas portuguezes, e para que a festa pudesse ser completa, não lhe faltou o concurso de Taborda, d'esse velho, que cada dia mais admiramos, e que é a nossa mais antiga e authentica gloria theatral.

Voltaram Rosas e Brazão a Lisboa e tudo encontraram como haviam deixado com relação ao concurso em que o theatro de D. Maria tem de ser adjudicado. Falou se muito; nada se fez. Prometteu se que fariam parte do elenco da nova companhia pelo menos alguns dos artistas que andavam dispersos por outros theatros; mas foram-os deixando procurar escripturas e, quando o concurso fôr aberto, muitos d'elles, senão todos, estarão comprommettidos com outras emprezas.

Talvez o novo programma veja a luz no Diario do Governo, todo elle cheio de clausulas profundamente e judiciosamente pensadas; mas já ninguem o livra de apparecer tarde e a más horas.

O proximo anno não se apresenta risonho para o theatro normal. Não faltarão discussões e guerreias, pois, seja qual for a solução, que já não póde ser boa, muitos descontentes ha de fazer.

E entretanto talvez tudo houvesse tido bom e facil remedio, se n'isso se tem pensado a tempo e com boa vontade.

Boa vontade não ha nunca. Tempo tinha havido; mas ámanhã tambem é dia e entre nos, é ja sabido, tudo fica para ámanhã.

Depois... asno morto...

Luctas! Luctas!

E é no que se fala, é em luctas.

Em ponto grande ou pequeno, tudo são ambições, tudo são guerras!

De noticias de guerras veem os jornaes cheios, tão cheios, que nem já interessam, que nem já ao certo se sabe quando falam verdade, quando mentira, quando nos devemos alegrar ou entristecer, nem porque nos havemos de entristecer ou alegrar.

Santiago continua resistindo; mas os americanos nos contam tomar a praça no praso de quinze dias.

Manilla deve considerar-se perdida.

Mas talvez as noticias mais importantes venham a ser a consequencia de factos que nos são communicados pelos telegrammas seguintes:

Londres, 26. — Diz um telegramma de Port-Said que chegou hoje áquelle porto, onde aguarda ordens, a esquadra hespanhola composta dos couraçados *Pelayo* e *Imperador Carlos V*, dois cruzadores couraçados, tres torpedeiros e cinco transportes com 4:000 homens.

Madrid, 26. — Está confirmada a chegada a Port-Said da esquadra do Almirante Camara.

Washington, 26. — O conselho de estrategia continúa a estudar o plano de marcha d'uma esquadra ás costas continentaes de Hespanha

A esquadra de Camara vae em viagem naturalmente para as Filippinas e nas costas de Hespanha não ha um navio que as defenda.

A guerra prolonga-se e vai custando por mez milhares de contos. O dinheiro é o nervo da guerra, diz-se ha muitas centenas de annos. O dinheiro é tudo e os *yankees* têem dinheiro a rodo. É essa a sua maior vantagem sobre os hespanhoes

Ha tempos foram limpas as chaminés das grandes fabricas de dollars nos Estados Unidos. Pois as pequeninas parcellas de oiro e prata que o fumo arrastára e se conservava na fulligem pesavam kilos e valiam muitos contos.

Dinheiro! Dinheiro! Sem elle nada se faz. Quando Mephistopheles lhe chamou deus e senhor da terra, cantou uma banalidade.

Até os santos precisam de dinheiro, como se vê das cartas de Santa Thereza. Estranha-o o commentador: «Dinheiro a Santa?» Mas depois convence-se: «Grande pessoa, diz, é o dinheiro. Apenas sem elle se pode obrar cousa grande nem santa.»

Para tudo é elle preciso, até para o que não parece.

Ha dias um velhote pedia esmola á esquina do Rocio. Diz-lhe um que passava:

— Troca me esse vintem.

Queria naturalmente dar-lhe dez reis.

O pobre apalpou-se, metteu as mãos por todas as algibeiras e rasgões do fato. A noite tinha corrido mal e o desgraçado não achou com que satisfazer o pedido. O outro metteu o vintem na algibeira e continuou seu caminho.

E disse então o velho:

— Bemdito seja Deus, que até para ser pobre é necessario ter dinheiro!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA HISPANO-AMERICANA

A. Nelson Miles, general em chefe do exercito americano em Cuba

A invasão de Cuba pelas tropas yankees vae em cada dia ganhando terreno, pelo que noticiam os ultimos telegrammas do theatro da guerra.

Parece que os hespanhoes não serão mais felizes em Cuba do que o foram nas Filippinas. Os telegrammas dão noticias do desembarque de tropas yankees, em varios pontos da costa de Santiago e de combates d'essas tropas com os hespanhoes, sem grande resultado, por ora, para ambos os combatentes Mas os yankees não perdem tempo e continuam enviando reforços para Cuba até ao numero de duzentos mil homens, sob o commando de A. Nelson Miles, general em chefe do exercito yankee, em Cuba.

A. Nelson Miles, era um commerciante quando rebentou a guerra entre os dois estados, em 1861. Alistando-se como segundo tenente de voluntarios de Massachussets, distinguiu-se em campanha por seu valor e feitos que ao esta terminar estava feito coronel. Depois tomou parte nas campanhas de 1862 a 1865 distinguindo-se sempre, de modo que, em 1866, foi promovido a general de brigada.

É este o homem que se acha á testa do exercito yankee, e que vae pondo em pratica o seu plano de invadir Cuba e proclamar a independencia das Antilhas, sob o protectorado da republica dos Estados Unidos.

EXPOSIÇÃO D'ARTE

Já dissemos em artigos anteriores que a exposição d'Arte que o *Gremio Artistico* realisou este anno, e que constituiu um dos numeros mais brilhantes commemorativos do centenario, é das mais numerosas em obras e das mais completas que esta util e importante aggremiação tem levado a effeito.

Uma exposição d'arte retrospectiva e arte contemporanea o que permittiu reunir um maior numero de obras, tanto de pintura como de esculptura, das mais notaveis de artistas portuguezes.

Nos quadros que reproduzimos n'este numero, encontram-se parte que já foram devidamente apreciados em exposições anteriores, e alguns que pela primeira vez apparecem em publico.

Assim encontramos quadros que recordam artistas queridos como o do *Tintoreto, retratando sua filha depois de morta*, preciosa tela do fallecido professor Lupi, que deixou na arte portugueza uma falta difficil de preencher; *O descanço do modelo*, bello quadro de Henrique Pousão, outro artista que a morte arrebatou em pleno vigor da vida, quando o seu talento mais promettia, e Christino da Silva, Metrass, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, Soares dos Reis, Victor Bastos, Fonseca, Annunciação, Silva Porto, que de todos ali se encontram obras, memorias preciosas do muito que fizeram.

A exposição de quadros novos é das mais animadoras tanto de artistas, que todos concorreram, como de amadores, cujo numero se vae elevando de anno para anno, sendo para notar os progressos que tem feito.

Entre estes destaca-se o quadro *Soror Marianna* da sr.ª D. Emilia Adelaide dos Santos Braga, um dos melhores que esta senhora tem apresentado em publico, e o *Quien suspira escribir!* de M.elle Zoé Wauthelet inspirado n'uma poesia de Campoamor, bem conhecida.

O retrato de S. M a Rainha Senhora D Amelia, avulta na exposição como uma das melhores telas de Salgado.

Columbano apresenta uma bella allegoria a Vasco da Gama inspirada nos *Lusiadas* canto X:

> Eis aqui as novas partes do Oriente,
> Que vós outros agora ao mundo dais,
> Abrindo a porta ao vasto mar potente,
> Que com tão forte peito navegais.

Martyr do fanatismo, quadro do sr. José de Brito, da escola do Porto, é um dos quadros que mais impressiona, pelo assumpto e modo porque está realisado.

Antonio Ramalho expõe o quadro *O lanterneiro*, prova brilhante dos seus estudos em Paris e que foi justamente apreciado então pela critica.

Andromeda de Conceição Silva é um bello nú, desenhado e pintado com extrema correcção.

José Malhôa tem na exposição um bom numero de quadros em que se contam alguns retratos felizes e os *Oleiros* que, apesar de já ser conhecido da ultima exposição, figura com vantagem entre os outros quadros que expõe este anno.

A' espera do pintor, uma telasinha muito apreciavel de Manuel de Macedo, e que faz parte da galeria da Ajuda.

Rivaes é o titulo de um quadro de Gyrão, representando, com toda a verdade, dois gallos que se encontram.

As gravuras que publicamos são dos quadros a que nos referimos; successivamente iremos apresentando aos nossos leitores mais algumas reproducções das obras d'arte que figuram n'esta exposição.

S. PEDRO

Passou hontem o dia destinado pela egreja para celebrar a festa do seu chefe, o appostolo escolhido por Jesus Christo, para continuador da sua obra de redempção da humanidade, pela pratica e ensino da sua sublime doutrina.

Pedro é o appostolo; o primeiro pontifice da christandade, que o venera e festeja como um dos seus santos mais queridos e populares, e como não devia ser assim se elle tambem foi popular, nascido de paes humildes, e na humildade vivendo, com a sua barca e a sua rede de pescador de Genesareth.

Foi a essa humildade que Jesus o foi buscar para seu seguidor, e n'aquelle homem rude e simples, descobriu uma alma ardente e um coração de oiro, capaz de comprehender a sua divina palavra e levar por deante a sua causa até o sacrificio.

Sobre Pedro desceu o fogo do Espirito Santo, e desde então elle proseguiria a obra do Divino Mestre e seria o fundador da egreja christã.

Em todos os tempos, os mais celebrados artistas dedicaram suas esculpturas e suas télas ao grande appostolo S. Pedro Em Portugal temos Grão Vasco, com o seu notavel quadro da Sé de Vizeu; Raphael Mengs é o auctor do quadro que hoje apresentamos aos leitores do OCCIDENTE.

O RAMAYANA

POEMA SANSCRITO DE VALMIKI

(Continuado do n.º 701)

Emilio Egger, fazendo-se o echo de Wolf nas suas memorias ácerca da litteratura antiga, atirou ao mundo da sciencia uma idéa ousada, nova, mas que julgamos acertadissima e vigorosa no fundo.

Quem é Homero? diz elle; julgais que é verdadeira, que é real a existencia d'esse grande vate que reverenciais como a um só homem? Não. Homero nunca existiu, nem as suas obras são o fructo de uma só intelligencia. Os cantos dos seus poemas, hoje em dia coordenados, eram trechos soltos de poesias populares que a civilização antiga retinha de epoca em epoca, como os hymnos patrioticos em que palpitavam os feitos heroicos dos gregos. Cantos soltos, e todos em geral versando sobre o mesmo assumpto, percorriam os limites dos paizes onde foram creados e cantados, e ninguem indicava o seu auctor, porque eram orphãos que encontravam um pae, uma familia, em cada um dos filhos da Grecia que os entoava.

Identicos todos no fundo do assumpto, palpitando n'elles os mesmos heroes, comprehende-se que facil foi coordenal-os e unil os em um só corpo, para formarem depois esses dois grandes monumentos da litteratura primitiva, a Iliada e a Odyssea.

Quem é Homero, pois? O coordenador d'essas tradições grandiosas, ou a raça de poetas que compôs a pouco e pouco esses hymnos soltos, eternos em belleza como a natureza?

E o *Ramáyana?* Não succederá com o poema indio o mesmo? Valmiki, seu auctor, não será o Homero que Emilio Egger nega?

Toca ás cabeças eruditas e pacientes averigual-o. O que não admitte duvida é que os dois poemas são monumentos admiraveis do espirito humano, conforme cada um ao genio de dois povos differentes: um mais harmonioso, mas perfeito nas formas da arte; o outro mais vasto, mais grandioso. Um inspirado na fonte verdadeira do pantheismo, o outro inspirado inteiramente pelo genio heroico das epocas primitivas.

Alguns estudiosos teem querido achar no idioma de certos poetas da edade media a velha lingua dos poemas primitivos. Não nos parece acertada a idéa; pois, por mais que n'elles se procure, não se encontra o vigor, a expressão, o colorido das creações poeticas da litteratura antiga. Esta é uma planta vigorosa e forte que se alimenta e cresce por si propria; o outro é um renovo enfezado e debil nascido no tronco de uma arvore secca.

Já dissemos que Valmiki, ao cantar no seu *Ramáyana* a guerra entre dois principios oppostos na vida social, e em tudo, quiz estabelecer a lucta entre o principio do bem e o do mal. Dissemos tambem que Milton, quer pelas relações historicas da *Biblia* com o *Ramáyana*, do Egypto com a India, quer por esse instincto subtilissimo que liga os genios entre si, levanta as mesmas entidades no seu divino poema. Deus e os anjos das alturas expulsam Satanaz dos seus dominios e empenham-se com elle e com os seus servidores n'uma guerra tremenda; plano vastissimo e audaz que só o genio sublime d'aquelle poeta póde elaborar ao calor do fogo da sua ardente intelligencia.

O mesmo fez Valmiki. No *Ramáyana*, Râvana é o rei dos demonios, Satanaz, e Râma, o filho de Vischnu, Deus, é o encarregado de anniquilar a estirpe maldicta d'aquelles entes maleficos.

Como se explica esta semelhança entre os dois poemas? Não importa que o desenvolvimento do assumpto em ambos siga caminho diverso um do outro. Não importa que as personagens estejam separadas por uma differença completa de situações e de papeis. Nada d'isso importa. A idéa primitiva foi a mesma. O raio que illuminou a mente dos dois poetas foi tambem o mesmo, e as suas obras assemelham-se a dois rios crystallinos que emanam do coração de uma mesma cordilheira e a pouco e pouco se vão separando e differençando entre si.

IV

Discorrendo um pouco ácerca da formação d'essas creações immensas e bellas do espirito humano, detivemos a attenção nos cantos de Ossian, aos quaes, com muitissima razão, se podem applicar as crenças de Egger a respeito de Homero, a não ser que a subtileza dos criticos modernos queira attribuir a Macpherson a paternidade d'esses versos e desfazer a entidade por elle formada e chamada Ossian, cujos cantos diz ter traduzido e coordenado.

Seguindo o mesmo rumo (pois não nos toca a nós averiguar se Macpherson é o verdadeiro auctor de taes cantos, ou se effectivamente são, como elle diz, de Ossian), assim como, no fundo do assumpto, achamos parecido o *Ramáyana*, com o *Paraiso Perdido*; no tocante ao estylo, á linguagem, á incoherencia dos acontecimentos uns com os outros, ha extraordinaria semelhança entre o poema indio e as poesias de Ossian:

Sem organização, perfeitos ambos, vagos, pouco cuidado o estylo, e comtudo cheios das grandezas primitivas, ambos tremendos, assombrosos nos cataclysmos que n'elles se desenrolam, tranquillos e suaves depois na calma que succede ás tormentas...

Tanto n'um como n'outro se acham desenhadas as paixões com toda a singelleza primitiva, sem receio de ferir o pejo do leitor, nus, um e outro, como a natureza, tão simples quão grandiosos.

Uma curiosissima semelhança do *caracter* da comparação se vê nos seguintes exemplos. Ossian dá-nos os traços de um dos seus heroes pela bocca de um dos seus companheiros.

> «Alma rude Orla tinha, mas suave
> Para mim como o rócio matutino;
> Ignea chispa voraz era com os outros,
> E commigo da lua o raio argenteo.»

Entenda-se que falamos do caracter das comparações do vate sanscrito e do vate gaelico.

Compare-se o trecho que deixamos escripto com o subsequente, que pertence ao *Ramáyana*. Retrata n'elle Valmiki o heroe da sua epopéa, Râma:

> «Qual o mar em saber Râma é profundo;
> Em firmeza inda mais que o Himalaya;
> E do proprio Vischnu rival em força,
> E tem da aurora bella o bello aspecto.
> Na ira é semelhante ao fogo vivo
> Que o mundo inteiro abrasa e incendeia;
> Egoala a Deus em seu amor divino
> E a propria natureza em paciencia.»
>
> *Ramayana*. Discurso de Nârada, cap. I.

Ambos os heroes, como o leitor acaba de ver, não só estão representados com uma egualdade de comparações innegaveis, mas até parecem a mesma personagem, o mesmo typo. Certamente que, seguindo os passos de um e outro, á medida que caminha a acção de cada um dos poemas, a semelhança desvirtua-se e as comparações de egualdade entre uns e outros trechos não se podem fazer a todo momento. Não obstante, os exemplos citados mostram que no fundo do caracter da poesia de Ossian e no fundo do *Ramáyana* ha uma substancia quasi identica, uma veia que reparte o mesmo sangue n'essas duas grandes creações do espirito.

O *Ramáyana* é uma d'essas obras gigantes que reconcentram nas suas profundas flexuras todas as maneiras de pensar, todos os preconceitos, todos os dogmas, todas as phantasias de uma grande raça nos momentos em que se constitue a sua nacionalidade. E' isso que o torna um dos livros impossiveis de descrever-se, de que todos falam e poucos lêem, e que conteem não obstante exquisitos mysterios de ternura e de meditação occultos nas suas profundezas, como a *Biblia* e a *Divina Comedia*.

Como poesia inspirada por um pantheismo absoluto, personifica Deus em toda a natureza, e toda a natureza em Deus. D'isto o seu valor philosophico: o homem é um phenomeno transitorio, uma forma apparente e sem verdade propria; mas a humanidade é um phenomeno eterno, isto é, encarnada em si mesma, dando ser e vida á sua propria materia, e de aqui o fatalismo. Ninguem é heroe se Deus o não anima; e Deus só a si mesmo anima: tudo é Elle, porque Elle é tudo.

Mas como Deus não ha de luctar comsigo mesmo, e como sem lucta não ha acção nem drama, o pantheismo, ao cahir na historia, tem que crear a negação de Deus para luctar com elle; cria o principio do mal e com o principio do mal cria os seus adeptos: homens que não são homens, que, destituidos do genio da divindade universal, são monstros, demonios, herejes: bestas de abominação com apparencia humana dada pela fallacia do principio do mal. Eis a sua acção e o seu sentido historico.

O que é sobretudo admiravel no *Ramáyana* é a opulencia dos pormenores. A ternura dos sentimentos desenvolve-se com um encanto singular; as suas phrases, os seus conceitos, tão novos quão inesperados, e os seus cantos, envolvem a alma, fazem-n'a dormitar no extase do prazer mental. Outras vezes, fero e barbaro, como a terrivel vingança que o fanatismo attribue á ira de Deus, o estylo e as idéas aceram-se e deixam de ser a palavra humana para semelharem o rugido pavoroso do cataclysmo universal: um genio sombrio, aterrador, incomprehensivel, vago, informe, monstruoso, abala as paixões; e uma raça inteira, levantando as ondas de uma poesia inexgottavel ao sopro das suas furias sublimes, abre assim a cratera do seu vasto coração a uma torrente de lava falada que vai estalar, como o fogo da maldicção, na face dos inimigos.

E' isto que constitue a originalidade da sua physionomia.

As creações de Milton luctam no infinito dos espaços ethereos, e embora n'essa lucta se tracte dos destinos humanos, o homem é alheio á acção, não é parte no conflicto que decide da sua sorte; o Dante é o echo do mundo das expiações, do mundo sacerdotal e theocratico, que julga a vida, que premeia e castiga os factos passados; Homero é o cantor dos semideuses que preparavam o reino da democracia, da prepotencia e da liberdade individual. O *Ramáyana* é o poema da Humanidade, unida, ligada, maniatada ao mesmo Deus pelas leis do seu desenvolvimento na Terra; indifferente e despiedado para com o individuo; transumpto, espelho, encarnação de Deus como conjuncto.

(Continúa.)

Francisco de Almeida.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 701)

XIX

Foram mais previdentes do que humanos os mariantes, que se fizeram á vela sem empregar alguns meios de salvar o Serrão e vingar a morte de seus companheiros. Mas nem por isso foram mais felizes no proseguimento de sua viagem, que a fortuna raro corôa acção ruim.

Chegados á ilha de Bohol, hoje uma das Filippinas, reconheceram quanto era redusido o pessoal para as manobras das tres embarcações que restavam da flotilha de Magalhães. Apenas havia 115 homens e por isso João Carvalho, que ia commandando agora a frota, determinou que se lançasse fogo á caravella *Conceição*, por ser a mais arruinada, e a tripulação d'esta fosse distribuida pela *Victoria* e *Trindade*.

Assim aportaram a mais algumas ilhas do archipelago e em todas trataram e fizeram commercio com os naturaes.

Na ilha de Borneo, porém, onde aportaram a 8 de julho, iam ficando captivos, ou mortos se, suspeitando da traição que os naturaes lhe preparavam, não largassem immediatamente para o mar, vendo que se dirigia para os navios grande numero de pirogas e juncos cheios de gente armada.

Foi preciso fazer fogo de artilheria sobre aquelles barcos, com o que destruiram a muitos chegando a aprisionar 16 homens e treze mulheres.

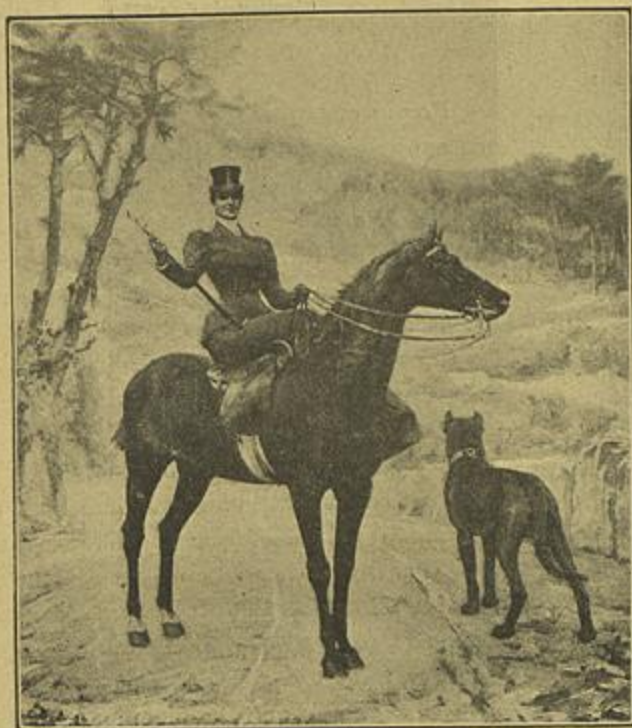
Entre os prisioneiros contaram o filho do rei da ilha de Luson, o que seguramente era boa presa, para com ella João Carvalho resgatar um filho seu e mais dois castelhanos que haviam ficado em terra, quando as caravellas tiveram que se fazer ao largo. Mas não o entendeu assim o Carvalho preferindo receber oiro pelo resgate, o que valeu o mesmo que sacrificar o filho e os dois companheiros, porque os insulanos não lhe entregaram os captivos a despeito de todas as diligencias que elle fez para esse fim.

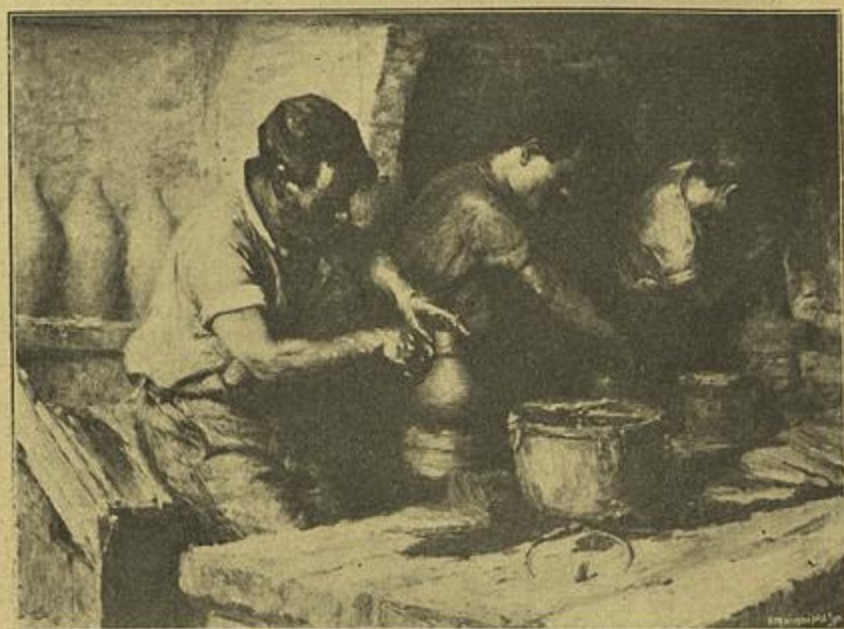
Era, por desgraça, o justo premio do que praticára em Zebú.

D'esta torpeza cedo teve que se arrepender o Carvalho, que certamente não seria com acções d'este jaez que elle, havia de conservar e até augmentar seu prestigio entre os demais.

D'ahi lhe resultou seguramente o ser deposto por seus companheiros que, reunidos, resolveram dar o commando da *Trindade* a Gonçalo Gomez de Espinosa, e o da *Victoria* a João Sebastião de Elcano, fidalgo biscainho, que até ahi se conservara na sombra.

Foram estes dois capitães que conseguiram levar seus navios até ás Molucas, não sem grandes difficuldades, pois não tinham a latitude certa em que demoravam.

Exposição d'Arte

Retrato de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia — *Quadro do sr. Salgado*

Á espera do pintor — *Quadro do sr. M. de Macedo*

Os oleiros — *Quadro do sr. J. Malhôa*

Soror Marianna — *Quadro da sra. D. E. Santos Braga*

O descanço do Modelo — *Quadro do sr. H. Pousão*

Martyr do fanatismo — *Quadro do sr. José de Brito*

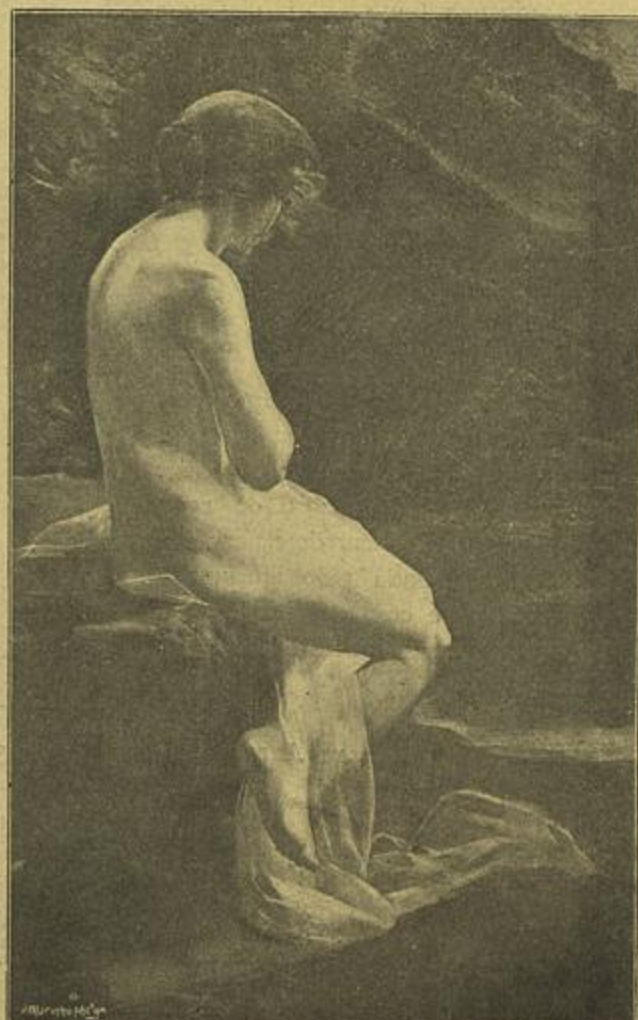
Exposição d'Arte

Vasco da Gama (allegoria) — *Quadro do sr. Columbano*

Rival — *Quadro do sr. Gyrão*

O Tintoreto retratando sua filha depois de morta — *Quadro do sr. Lupi*

Quen supiera escribir! — *Quadro de M.elle Zoé Wanthelet*

O lanterneiro — *Quadro do sr. A. Ramalho*

Andromeda — *Quadro do sr. Conceição Silva*

Valeram-se para isso de pilotos que apresionaram, em embarcações que iam encontrando por aquelles mares, e d'este modo lograram seu intento com grande alegria e proveito, segundo refere Pigafetta.

Foi a 8 de novembro que *Victoria* e a *Trindade* fundearam no porto da ilha de Tidore. Haviam chegado, emfim, ás terras das especiarias, sonho doirado d'aquelles tempos e que déra causa áquella viagem aventurosa.

Os portuguezes já por ali tinham andado e disposto os naturaes para o tracto com os europeus, e por isso os hespanhoes encontraram melhor acolhimento facilitando o seu commercio, em que trocaram tecidos por canella, nós-moscada, pimenta e cravo.

Os capitães celebraram tratados de commercio e vassalagem com os regulos e, apressando o regresso para trazerem tão boas novas a Carlos V e á patria, dispozeram-se a partir em meio de dezembro.

Só, porém, a caravella *Victoria* poude largar da ilha de Tidore, a 21 de dezembro, ficando a *Trindade* de querena, pois precisava de grande concerto nas obras vivas.

A *Victoria* veio tocando em mais algumas ilhas, provendo-se de sandalo e de canella, seguindo a rota que os portuguezes faziam nas suas viagens para a India, segundo diz Pigafetta.

Trazia 60 homens de tripulação, entre estes treze naturaes da ilha, mas os trabalhos, as doença se as insubordinações vieram dezimando esta gente, morrendo uns e tendo que se executarem outros por seus delictos graves.

Quando a *Victoria* aportou á ilha de Santiago de Cabo Verde, a 9 de junho de 1522, obrigada pela fome, que já victimara alguns homens de sua tripulação, estava cada vez mais reduzida.

Em Santiago não foram mais felizes, porque os portuguezes ciosos de que extranhos andassem em exploração de mares e terras que a elles só competia, quizeram apresar o navio castelhano e a gente que n'elle vinha, logo que souberam, por denuncia de um tripulante, da viagem que vinham fazendo.

A *Victoria* teve, por isso, de largar precipitadamente, não sem lhe ficarem em terra doze homens prisioneiros dos portugueses.

Finalmente a 6 de setembro de 1522 chegava á bahia de S. Lucar de Barrameda a *Victoria*, commandada pelo afortunado Sebastião d'Elcano e com dezoito homens dos 265 que tres annos antes haviam partido na expedição.

(*Continúa*). CAETANO ALBERTO.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

III

Ao tempo da publicação do drama, já Pereira da Cunha, como resultado de uma viagem de estudo, feita em Hespanha, que êlle estimava apaixonadamente pelas tradições e pelo parentêsco, havido alí por avoengos seus, se entretinha no delineamento de um nôvo poema histórico, em que tôdo se engolfava.

Não o sabiamos então.

Ao agradecêr-nos a oferenda de um exemplar do nosso romance *O Senhôr de Fóios*, que êlle sabia verdadeiro no fundo, escreviá-nos, um anno depôis, em 1894, do seu castello de Portozello, a formosa vivenda de Vianna do Castello, uma extensa carta, de que vâmos arrancar uma amostra, não só pâra dar a público um inédito do illustre poeta, como registar a leve nota humorística, com que êlle classificava a sua situação, que não, repetimos, por envaidecimento próprio:

..... «Venho felicital-o sincera e enthusiasticamente pelo seu primorôso trabalho. Que horas deliciosas me proporcionou a leitura do seu livro, a mim escondido num recanto, embora formosíssimo, do Minho, a mim sequestrado de tôda a convivencia literária, aturando constantemente tantos *Josés Bernardo* e *Joões da Barroca*; [1] a mim, que passo a vida entre montanhas de milho amarello e torrentes de vinho verde.» [2] ... .

E proseguiu no juizo, que entendeu devêr fazêr do nosso escrito, mâs a respeito do seu nôvo poema, que estava prestes a sair dos prelos de uma modesta tipografia de Vianna do Castello, não mencionava uma unica palavra.

E o caso é que a distribuição fêz-se, mâs as livrarias, que avistâmos, não nos mostraram a existencia da obra, nem a imprensa, que chegou ao nosso conhecimento, a registou por qualquer forma, exactamente como acontecêra com o *Saio de Malha*, cuja divulgação passou despercebida da própria meia duzia de caturras, que ainda curam de letras nêste pequêno paiz de grandissimos pataratas.

Por uma diabrura do correio, só em dezembro nos fôi entregue o volume, que nos fôra destinado pelo autôr.

Apesar d'isso, a existencia do livro e o seu próprio titulo, *A Cidade Vermelha*, poema-hispano-árabe, serviram-nos de genuina surprêza.

A leitura, realisada e repetida acto continuo na companhia de um amigo, tão bom conhecedôr como excellente fazedôr de versos, veiu acusar a prevista e sensivel propensão das faculdades do poeta, genuinamente portuguêsa na inspiração e na linguagem, mâs portuguesa á antiga, quando o dizêr simples, rendilhado e puro, compunha o timbre dos que bem sabiam escrevêr.

Simões Dias e nós ficamos maravilhados, na admirativa e encantadôra accepção do têrmo, que outro não existe pâra dar a medida do nosso sentimento de então.

* * *

A' entrada do nôvo anno, a 4 de janeiro de 1895, escreviamos a nossa impressão ao autôr, tão sincera como a espontaneidade, que a formulou rapidamente, por um impulso convicto e inabalavel da nossa consciencia.

Não saberiamos agora architectar palavras melhormente do que então o fizemos; e por isso seja-nos permittido deixar aqui, e a seguir, o transumpto da carta, endereçada ao castello de Portozello:

— Meu caro poeta. Li, e reli, no remanso do meu gabinête e em companhia do doutôr Simões Dias, tão suave como caracteristico trovadôr das *Peninsulares*, as páginas notaveis do poema hispano-árabe, com que V. Ex.ª se dignou brindar-me, realisando assim, com duplicado prazêr, o veracíssimo preceito de que os poetas por poetas devem sêr lidos.

«Essa leitura, cortada a espaços pela apreciação pausada de nós ambos, foi uma surprehendedôra e entusiástica revelação pâra Simões Dias, que o não conhecia, e uma plenissima confirmação do elevado conceito, em que eu aferia, de ha muito, os dotes poéticos do autôr do poema.

«Nos tempos, que correm, então, nesta época de dissolução espiritual, em que a sensualidade báchica campêa nos costumes, no teatro e nas letras amênas, vasada em moldes de linguagem bárbara, desconhecedôra inteiramente da belléza musical e vernácula do riquisimo português dos bons mestres, consola realmente vêr que ainda existem individualidades enérgicas, que prometem vivêr e morrêr abraçadas ao lidimo dizêr, á tradição genuina do nosso opulento erário linguisítico.

«Que diferenças reedificantes de estilo e sentimento não vão dos cantos da *Cidade Vermelha* ás nebulosidades grammaticidas e desasisadas do nefelibatismo e ás figuras e imagens desgrenhadas e obscênas do realismo crú?!

«Já escrevi, e repetirei sempre, com os poetas, que nos precederam. — A poesia é o sentimento do bello. O que não tiver bellêza estructural, panorâmica ou sentimental não pode chamar-se poesia.»

«Tódos os séculos, dêsde os tempos obscuros até os nossos dias, tiveram como poético o que era somente bello.

«No tétrico e no horrivel tambem ha bellêzas, penso eu, que dizem os discordantes. É verdade, mâs com tanto que o quadro horripilante possa elevar se até ás alturas da epopêa.

«Um espírito delicado, contemplativo e arroubado só poderá tolerar a lubricidade sistemática nos versos de Ovidio, nas estátuas grêgas ou nas ruinas de Pompeia. Os canticos da moderna oficina só se podem divinisar pelo trabalho; nos arruidos dissolventes de aspirações controvertidas e anárchicas tudo é ôco e esteril. No esvurmar as scênas deletérias e os vicios, que tumultuam fora das nossas casas, só devêmos topar com o tédio e com a repulsão instinctiva, que outra côisa não é senão a contração de tódos os germens poéticos da nossa alma.

«A comovente tragedia do último abecenrragem é um dos mais rutilantes acontecimentos do século xv; os paços encantados do Alhambra um fecundíssimo erário de inspiração romanêsca e poética, porque tudo ali é bello — o local rendilhado por maravilhas de architectura, a sumptuosidade relembrando os tezôiros faraónicos e a tradição palpitante de uma raça, mais nobre e ardente do que a dos fetiches orientaes.

«Assim o entenderam entre muitos, Irvine, nas suas lendas e contos mouriscos, Zorrilha, no seu poema local e V. Ex.ª na sua *Cidade Vermelha*.

«Investigada a época, consultada a tradição, determinadas as personagens, a sua alma pensativa illuminou-se ao clarão subtilíssimo do sentimento do bello?

«Sem dúvida. Só um poeta, dulcificado pela sensibilidade e alumiado pela arte podia descrevêr os canticos dôirados da *Cidade Vermelha*.

«A rude misantropia do meu carácter é pouco propensa a louvaminhas faceis. Menciono o que sinto. Do seu poema, variado na estructura da frase e do metro, resaltam, como joias opulentas sôbre fundo azul, a propriedade da linguagem, o acêrto das imagens, o colorido local e um sabôr penetrante aos mais deliciosos perfumes do Oriente.

«O sentimento e a arte fizeram o milagre, que deixa de sel-o, desde que V.ª Ex.ª se nos revela um verdadeiro poeta.

«O simples canto *No jardim de Lindaraxa* só por si bastava pâra uma elevada classificação.

«Entretanto poema e poeta, verdade verdade, passaram quasi despercebidos pela mesquinha altura da nossa publicidade.

«Não admira. E' frequente o facto. O gênero do livro, por um lado, e o desapêgo ás bôas lêtras, que se afundam diariamente na fornalha desvirtuadôra e torrencial da imprensa diária, por outro, eram de sobra pâra o efeito.

«Não terá senões o poema, como obra de arte, e como é próprio da condição humana? Tem, a meu vêr, um defeito de construção, que em nada lhe prejudica, verdade seja, a bellêza dos materiaes.

«O rendilhado edificio braceja elegantíssimo, fende os ares com as agulhas dos seus miranêtes, com a dentadura dos coruchéus, e atrae-nos fantásticamente com as laçarias das ventanas e com as columnatas dos pórticos; mâs, aqui e acolá, no âmbito interiôr, faz-nos desejar maiôr larguêza de construção.

[1] Personagens do nosso romance.

[2] É de saber, para suavisar o quadro, que a casa de Pereira da Cunha, reconstruida por seu pae, ao estilo dos castellos mediavaes do Rhêno, com o refinado gôsto de um verdadeiro poeta, brilha como notavel residencia senhorial, a que não faltam os fossos, a ponte levadiça, as barbacans e a torre de menagem, a 12 kilometros de Vianna; e é a faustosa joia architectónica da freguezia de Portozello donde o nosso poeta escrevia, sôb a designação de *Castello de Portozello*.

D Antonio da Costa, no seu *Minho*, trata desta encantadôra habitação, cuja estampa se vê a pag. 176 do *Almanach de Lembranças* do anno de 1896.

«Os amôres de Lindaraxa com Padilla, o seu fingimento pára com o rei môiro e o convencimento dêste pára a rendição de Granada, que era a sua ruina capital, estão a requerêr scênas de contextura mais larga ao habilissimo artista, que tão brilhantemente se houve com tudo o que lhe saiu da sua palhêta inspirada.

«E' êste o predicado das côisas de fino quilate: atraem-n'os, seduzem-nos, e tornam-nos insaciaveis.

«E por isso, semelhante reparo, no meu entendêr, vale o elogio supremacial da *Cidade Vermelha*.

«Releve-me V.ª Ex.ª a prolixidade dêste meu agradecimento á finêza ofertatória do seu excellente poema, brilhante incentivo e estêio fortissimo pâra novos cometimentos; e creia-me com veras — confrade muito devotado — *Visconde de Sanches de Frias*».

Pereira da Cunha, o esperançôso e já notavel poeta, que em fins do anno seguinte havia de morrêr ignorado dos seus conterrâneos, excepção feita de meia duzia, que tem a dita de possuir os seus escritos, cuja existencia tivemos, por mais de uma vêz, a desconsolação de sabêr desconhecida dos prôprios livreiros — agradecia-nos comovido o nosso juizo epistolar; e respondia-nos, tão pouco costumado estava a que lhe celebrassem o talento, n'uma láuda da sua carta, com êstes dizêres:

— Vou guardar a sua carta como um conceituosissimo trêcho de estylo epistolar, que é, e como um documento de raro valôr, que embora immerecidamente, me hônra sôbremaneira.

«Tem muitos defeitos o meu poema hespano-árabe, mas quero-lhe, porque o escrevi com tal ou qual rigôr histórico. Os personagens, que n'elle figuram, á excepção de Padilla, o preferido amante de Lindaraxa, são verdadeiros, como se prova das minhas notas.

«O poema é um tanto ardente, porque se passa em Granada, a cidade querida de Boabdil; tratei-o com affecto...»

(Continua) *Sanches de Frias.*

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XVII

Uma operação do Banco de... e do Banco de...

Achava-se a familia Trombeta reunida na salinha, quando o Joaquim entrou como uma bomba — e sósinho!

Tinha o semblante afogueado, os olhos espantados e a respiração offegante.

— O Romulo? — perguntou com voz suffocada — e caiu de chófre n'uma cadeira.

— Não o vimos ainda — respondeu a Amalia, assustada; que lhe succedeu?

— A elle, nada, que eu saiba.

— Então a quem? — perguntou o dr. Roque com certa brandura, quando notou que o Joaquim estava de tal modo fora de si, que chegava a subtrahir-se ao seu imperio.

— Ao Frederico; ao sr. Frederico!...

O doutor que tinha um fraco pelo Frederico, poz-se instantaneamente de pé sem proferir palavra, como se quizera prestar-lhe o potente auxilio do seu braço invalido.

— Já nada ha que fazer — advertiu o Joaquim, adivinhando a intenção d'aquella obra de misericordia; — a estas horas, quem sabe, estará tudo acabado...

E deixou pender a cabeça sobre o peito... A Amalia, sobresaltada, apenas compreendia que lhe batia o coração com força.

As perguntas de Tranquilina, poude Joaquim afinal responder:

— O Frederico está arruinado; a quebra do Banco de... acarretou a de mais quatro, e o Frederico deixou em cada um d'elles um pedaço do seu capital.

— E que lhe resta? — perguntou o dr. Trombeta.

— Provavelmente o que d'antes lhe faltava para que tivesse um milhão. Não sei a quanto montaria a semana passada; hoje, é zéro.

— E quando é que occorreu a catastrophe?

— Ha quatro dias que o sabe toda a gente. Somos nós os unicos que de nada sabiamos... como haviamos de pensar semelhante coisa, quando no sabbado passado elle appareceu na feira com tão bom humor, — que o Frederico era um homem arruinado?

— Talvez o não soubesse? — balbuceou a Amalia.

— Pois não havia de saber? Se ha quatro dias não recebe outras visitas, a não serem as dos crédores, do advogado e do procurador...

— E que é feito d'elle? — disse a Tranquilina, fazendo a pergunta que palpitava nos labios da filha.

— Quem sabe lá? Desappareceu esta madrugada;... esta noite não se deitou e tinha motivos para isso... Um estofador que lhe mobilára a casa a crédito, está levando agora mesmo os trastes. O Romulo e eu separámo-nos para o procurar por diversas partes; eu por mim, nada pude averiguar.. Ha um mez que não vae ao Casino;... hontem bebeu um calix de absyntho no café Cova; o criado lembra-se de o ter visto rir... e nada mais sei! O Romulo, porém, deve ter sido mais feliz do que eu; esperemos por elle e não estejamos com tanto cuidado.

Exceptuando-o a elle, ninguem parecia estar com muito cuidado, apparentemente; o dr. Roque, pelo contrario, recuperára o pleno uso das suas faculdades e, pela sua paz de espirito, contrastava com a excessiva inquietação d'aquelle *meninão* incorrigivel.

— Com que então arruinaram-n'o — principiou a dizer — peior para elle; não é mal feito Elle está novo· tem tempo de aprender, quem'esta vida...

Abriu-se a porta da sala, e emquanto o Joaquim entrára com o impeto do desespêro, Romulo entrou com a melancolica solemnidade do desalento.

— Nada? — perguntou o Joaquim.

— Nada — Hontem, bebeu um calix de absyntho no café Cova; ha um mez que não apparece no Casino; o antigo criado que o servia desappareceu tambem...

E dizendo estas palavras, olhou em redor como que para buscar remedio. Viu a Amalia com o semblante palido

— Quem diria, quando ante hontem comprou tres beijos por tres mil francos, que aquillo era apenas capricho de homem arruinado? Parece que o estou ouvindo, a procurar na carteira e a dizer: «não posso comprar senão tres.»

A voz de Romulo, pretendendo imitar o tom desenvolto e chocarreiro do defuncto Frederico, estava tremula.

Respondeu-lhe um soluço, e os velhos ambos não podendo conter se, lançaram-se nos braços um do outro. O dr. Roque não queria dar o braço a torcer, estava, porém, comovido e não despregava os olhos da filha.

No meio de tanta desolação, a voz da Tranquilina soou para o Romulo com ar de misericordia celeste, quando disse:

— Paciencia; o sr. Frederico arruinou-se; ficará pobre como ha tantos, ou talvez menos porque alguma coisa lhe terá restado: uma quebra não é um cyclone; se lhe levou os valores em papel, as casas e as terras que o sr. Frederico possuia, devem, seguramente, estar onde estavam; a situação d'elle não é desesperada, e com tudo isso, os senhores em vez de desesperarem de todo, devem antes esperar. Por ora ha uma circumstancia favoravel.

— Que circumstancia?

— A de ter desapparecido tambem o criado; não foi isto que o senhor disse? Porque o criado não resolveria atirar-se tambem ao Canal para ir servir o amo ao outro mundo...

Ouviu-se pela terceira vez tocar a campainha, de modo que parecia um gemido, e momentos depois apparecia o engenheiro

Vinha com cára de palmo, andava a passos vagarosos e nos seus movimentos todos havia um certo embaraço.

— Bem má noticia! — disse, escondendo as mãos nos bolsos para as não esfregar escandalosamente:

— Está arruinado o Frederico.

— Já o sabiamos — replicou o Joaquim; — vistel-o?

— E' positivo — proseguiu o Enéas — está arruinado; sinto muitissimo. Foi a quebra do Banco de ..

— Já sabiamos — interrompeu o Rómulo — não contas nada de novo?

— Como querem que eu saiba novidades? — Deixem me dizer o que sei e verão: — Foi a quebra do Banco de... que fez quebrar outros quatro Bancos e todos juntos causaram a ruina do pobre Frederico. Affirmo lhes que me fez pena, mas que pena!... Pelos modos acho que fica só com aquelle thesouro enterrado no tempo das guerras de Napoleão.

— Mas como soubéste?

— Porque elle proprio m'o disse.

— Graças a Deus! Com que então vistel-o?

— Decerto!

— E como está elle?

— Como querem que esteja? Está arruinado mas, vendo-o ninguem diria... E' homem que acabou, d'ali não tem a sociedade já nada a esperar (alludia á procreação legitima por meio do matrimonio, comprehendia-se porém assaz que se exprimia com muita ambiguidade). Não sabe fazer coisa nenhuma, e, falto de energia, viverá penosamente e terá infallivelmente que renunciar á consolação de...

Não proseguiu, porém, temendo e com razão, exprimir-se d'esta vez com sobeja clareza.

— Onde foi que o encontraste? — indagou o Joaquim.

— Por acaso, ao sahir d'uma loja.

— Uma loja de que? — interrompeu o Romulo,

— De armas.

— Ah! E não lhe perguntaste o que ia ali fazer?... Falla! despacha te; onde estará elle agora? Onde o deixaste?

— Deixei-o n'uma drogaria, onde queria comprar não sei que ingrediente para uma analyse chimica.

— Uma analyse chimica! — exclamou o Joaquim. — E tu não comprehendeste nada?

— Que havia de compreender?

— Que quer matar-se!... Corramos!

— Matar-se! — tartamudeou o Enéas, pondo-se pallido; mas de subito acrescentou:

— Estão doidos! Ia de tão bom humor! Andei á procura d'elle de casa para o casino, do casino para o café! do café pelas ruas, porque lhe queria dar o recado da Amalia; elle porém disse-me que estava em vesperas de partida...

— Para onde?

— Para a sua quinta de Pusiano; e por isso nada lhe disse. — Fiz bem? Amalia, á qual ia dirigida a pergunta, disse com a cabeça que sim.

— Em compensação, propuz-lhe por minha conta um negocio .. certo negocio... um contrato; queria comprar-lhe uma coisa .. certa coisa e estava disposto a pagar-lh'a bem. Elle então, fitando-me intensamente, perguntou: «Sabes que estou arruinado?... Eu não sabia e fiz que me contasse tudo.

— A saber?

— A saber, que primeiro quebrou o Banco de... depois o Banco de... e...

— Já sabiamos.

— E que, áparte o thesouro enterrado, nem sequer sabe se lhe ficará inteira a quinta de Pusiano, porque está hypothecada.

— Vê — vê! — exclamou o Joaquim voltando-se successivamente para o Enéas e para a Amalia,

— Hasde perdoar! — acrescentou placidamente o engenheiro — asseguro-te que estava de bom humor. Quando insisti para que me vendesse uma coisa... certa coisa... que a elle lhe não servia para nada, entrou a rir e respondeu-me que, com o pedaço da quinta que os crédores lhe deixaram, poderá esperar até que o thesouro napoleónico haja por bem sahir á luz d'estes tempos, e que não precisa do dinheiro que lhe offereci. E por ultimo, disse-me o que eu lhe devia dizer a elle...

— O que foi que elle lhe disse? — perguntou a Amalia.

— Disse-me assim: Pobresinho! — Tal qual como eu o digo.

— E que queria o senhor comprar ao senhor Frederico? - indagou o doutor Roque.

— A Amalia córou; o engenheiro suspirou e disse:

— Uma coisa!

O Joaquim e o Romulo estavam em ancias: olhavam um para o outro, interrogando-se em silencio; depois, levantou um os olhos e o outro abaixou-os para o chão.

— Não hade ser nada — disse o Eneas.

— Ora... saber-me-has dizer que casta de ingrediente ia elle comprar á drogaria? — Sabes que demonio de analyse chimica quer fazer?

— E que é que elle precisava do armeiro? — acrescentou Romulo.

— Não sei — retorquiu, em lugar do engenheiro, o doutor Roque — noto porém que, dos dois temôres, um pêlo menos não tem fundamento. Se acaso o Frederico tinha verdadeira tenção de se matar, deve ter prescindido á sua escolha: ou o droguista ou o armeiro. Parece-me assaz difficil para alguem suicidar-se com arma de fogo e com veneno ao mesmo tempo; pelo menos é luxo

S. PEDRO — QUADRO DE RAPHAEL MENGS

nutil. A acreditarmos nos senhores, todos os suicidas tem de se envenenar primeiro, atirar-se depois ao lago de Pusiano ou a outro qualquer, e disparar um tiro de revolver nos miolos no momento em que saem fóra de pé..

Um estremecimento agitou as fibras aos dois velhos; o proprio doutor Roque, por mais preparado que estivesse, não poude acolher com indifferença o proprio gracejo; fez vóz do pápo para que ninguem notasse a sua fraqueza, porém, ao finissimo ouvido da Tranquilina não escapou a pulsação de certa corda secréta e carinhosa.

— E sabem os senhores o que eu faria se não tivéra gôta, se estivéra no seu cáso, se esse desgraçádo me interessasse um pouco? Correr desde já direito a Pusiano a plantar-me ao pé d'esse pobre arruinado, e não me apartar d'elle emquanto o não visse dar signaes cértos de juizo. Todos os pretextos são bons para não deixar commeter ao proximo uma tolice.

— E se já estivesse morto? — perguntou o Joaquim.

— Se já estivesse morto, quer-me parecer que lhe daria sepultura.

O Joaquim e o Romulo não quizeram ouvir mais nada; balbucearam despedida assáz confusa e envestiram com a porta.

O engenheiro suspirou melancolicamente uma duzia de vezes, ou mais; notando, porém, que a Amalia não fazia caso d'elle, e que não havia maneira de se sahir do suicidio do Frederico, no qual elle nem por sombras acreditava, por fim, não teve outro remedio, senão retirar-se.

— Léve a bréca este maçador! — vociferou o doutor Roque, apenas o viu pelas costas.

— Maçador, por quê? — prorômpeu a Amalia, acocorando-se com graça infantil deante do tremendo papá e encostando-lhe a cabeça aos joelhos.

— Bem te entendo — regougou o doutor Roque, e entretanto, com a mão manca acariciava aquella cabecinha vivaz — bem te entendo .. Queremos que o papá faça alguma tolice... não é verdade? — dize depressa...

A joven, comtudo, não riu como costumava e repetiu descuidadamente

— Porque é que o engenheiro Enéas é maçador? Já não gostas d elle?

— Se tu gostasses, gostaria — regougou o doutor Trombeta — mas sabes porque é maçador? Porque com a sua engenharia toda não sabe fazer com que casem com elle.

— Estás enganado — disse a Amalia — com acento egual ao da primeira vez, gosto do engenheiro Enéas e caso com elle. Estás contente?

— Se estou contente?

Aproximou-se a Tranquilina da filha e, callada, olhou para ella.

— Estás decidida? — perguntou depois.

— Estou, sim.

— Dizes isso do coração?

— Do coração, não — retorquiu rindo a donzella — porque o coração n'este momento não faz outra coisa que não seja enviar-me bom sangue ao cerebro, como diz o papá; não o duvidem, porém; heide querêr-lhe, lá mais para diante; não ha nenhuma razão para que lhe não queira. Assim pois, está combinado; gosto do engenheiro, e caso com elle Tu, papá, vaes ámanhã mesmo escrever ao meu futuro esposo, não vá elle perder a paciencia, e com a paciencia o amor, se é que o tem. Em rigor ainda me restava um dia; estamos apenas a 28 de fevereiro; que as coisas boas, quanto mais depressa se façam, melhor.

Pae e mãe contemplavam a filha com curiosidade visinha do temor.

A Amalia continuou:

— Mas olhem que é com uma condição.

— Uma condição! — Ouçamos a condição — repetiu a Tranquilina.

— Que ámanhã logo de manhã vamos todos até o campo.

— Para o campo a 28 de Fevereiro!

— Em primeiro logar, ámanhã estaremos a 29 (o anno é bissexto) e d'ahi, o inverno este anno parece uma primavera; os periodicos o dizem; deve estar lindissimo, o campo; dormimos no hotel e ámanhã estaremos de volta.

— E para onde queres ir? — perguntou o pae inclinando-se e fitando-a intensamente.

— Para o lago de Pusiano.. Necessito de ter uma entrevista com o sr. Frederico.

— Uma entrevista!

— Sim; eu lhe contarei tudo lá na carruagem. Já se vê, que has de ser tu que quizeste ir, primeiramente por curiosidade de visitar as excavações do thesouro (convidou-te mais de cem vezes, aceitas uma); depois, para que o sr. Frederico veja que, lá por uma pessoa ter perdido o dinheiro, não deixa de conservar antigas amisades se acaso as soube escolher...

— E adquirir outras de novo — observou Tranquilina.

— Como a minha! — disse a Amalia. — Provavelmente, não saberá o que ha de fazer d'ella, mas não importa. Se é verdade que quer ir para debaixo da terra á procura de um thesouro, não será mau que o levêmos a reparar um pouco no que deixa á superficie.

Bastou ao dr. Roque inclinar-se levemente para dar um beijo n'aquella bôcca tão sábia; depois disse:

— Está dito; irêmos até Pusiano.

— Dormiremos no hotel e estaremos de volta ámanhã; — repetiu a joven.

O pae, porém, não attendia; estava reflectindo.

— Em que pensas? — lhe perguntou Tranquilina.

— Tu bem o sabes; fizeste com que eu pensasse... que eu não pensava, nem pouco nem muito.. Filha minha, — accrescentou com accento solemne — não parece bem que vamos impôr um obsequio a uma pessôa arruinada e que nos encaixemos em sua casa, assim sem mais nem menos. — E uma menina?! — Que ha de pensar o Frederico! Que dirá o mundo?

— A menina vae com o papá e com a mamã — respondeu a teimosa Amalia — Temos para o sr. Frederico um pretexto em extremo verosimil... E demais tu foste o proprio que ha pouco disseste que todos os pretextos são bons para impedir que o proximo faça uma tolice. O mundo se achar que dizer, peor para elle... mas o mundo não saberá.

O dr Roque, sem que o parecesse, estava procurando na physionomia da consorte o modo de averiguar se era licito encolher os hombros e mandar o mundo... á fava, e quando viu que a propria Tranquilina sorria das palavras da Amalia, sumiu a cabeça nos hombros e exclamou valentemente:

— O mundo que vá passear. Pois vamos a Pusiano!

(Continúa) *Pin-Sél.*

Recebemos e agradecemos:

Exercito Illustrado — *revista de sciencias e lettras — N.º 1, Anno I — Barcelos, 1898.*

Em data de 25 de abril, começou a publicar-se, sahindo dos prélos da typographia *Minerva*, de Villa Nova de Famalicão, esta nova revista, trazendo no frontispicio uma vistosa allegoria, muito bem desenhada, e inserindo retratos de el-rei, coronel Galhardo, Mousinho de Albuquerque e outras photogravuras, a par de uma escolhida collaboração litteraria.

A Nação portugueza *e o magisterio primario.* Recebemos este eloquente manifesto, que o terceiro congresso do magisterio primario distribuiu pelo paiz e que é subscripto pelo nome prestigioso do illustre lente sr. conselheiro dr. Bernardino Machado. É um documento vigoroso e possuindo toda a eloquencia da verdade.

Semana illustrada. Temos presentes o primeiro numero e seguintes d'esta revista funchalense, que no dia 3 de abril iniciou a sua publicação, sahindo dos prelos da typographia *Esperança*, na cidade do Funchal. É illustrada com zincographias desenhadas pelo sr. L. Bernes, artista que nos assumptos e na sua correcção mostra ser bastante consciencioso.

Longa vida á nova revista.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39